



UMA VERDADEIRA HISTÓRIA DE TRAGÉDIA E AMOR

| Tema: [Artigos](#) | Autor: [Valdemar F. Ribeiro](#) |

A IMPORTÂNCIA DA ATITUDE

NORBERTO WOROBEIZYK (woro92001@yahoo.com.ar)

Valdemar, estou lhe enviando minha história após haver lido sua carta no Jornal de Angola sobre suas reflexões e um artigo na revista Planeta do mês de junho de 2006 referente aos atletas da mente e a capa da revista Time no ano 2003 com a intenção de que a espalhe, para poder ajudar a muitos outros que perderam a esperança. Um abraço. (09/07/2006)

Triatleta, do corpo e da mente, vice-campeão argentino em minha categoria, salva-vidas, pertencço à Cruz Vermelha, cavaquista, treinador de windsurf, treinador de esqui aquático e persona traine.

Um esportista com uma filosofia de vida similar a budista, dedicado ao esporte e em ajudar ao próximo, vivia uma vida harmoniosa e equilibrada entre o trabalho e o esporte, até que no dia 29 de dezembro do ano 2004, um dia como qualquer outro, às 18h, contrariamente ao que sempre disse para amigos e familiares sobre não viajar em moto-táxi, decidi pela primeira vez viajar num e este foi o começo desta minha história sem fim.

Faltavam quase 200 metros para chegar em minha casa, em Cabeçudas, bairro de Itajaí, Santa Catarina, sul do Brasil, onde vivia, quando Rosalino Mansueto Salvador, um rapaz que conduzia sua camioneta Land Rover 4 x 4, a 80 km por hora de velocidade, não respeitou a placa de "PARE" e passou por cima de mim roubando o meu precioso presente e acabando com meus sonhos futuros.

A rapidez do corpo de bombeiros de Itajaí foi quase imediata, pelo que me contam, pois perdi a memória durante 15 dias.

Desgraçadamente me levaram ao hospital Marieta, em Itajaí, aonde fui muito maltratado e me operaram tão mal que o próprio cirurgião exclamou: "por Deus, o que eu fiz !??" e logo em seguida ainda contraí uma infecção hospitalar.

Estive agonizando na UTI por 10 dias, recebi três extremas unções e quando me iam amputar a perna direita, minha companheira junto com meu filho, que viajou especialmente da argentina, me resgataram e não deixaram operar.

Levaram-me à cidade de Curitiba e aí começou uma verdadeira luta, ajudado por verdadeiros profissionais médicos, para salvar minha vida e a perna direita.

Os médicos tiveram que desfazer o desastre que haviam feito comigo no hospital Marieta e fizeram uma série de cirurgias complicadas por causa da infecção hospitalar e que até hoje ainda está complicando e atrasando meu processo de recuperação física.

Até agora já fui operado sete vezes, em quatro cirurgias corri verdadeiro risco de morte e a última durou doze horas e realmente quase foi a última.

Perdi mais do 80 % de sangue, mas aqui estou contando minha história diante do assombro da equipe médica e que, segundo eles, nunca vivenciaram uma experiência destas em toda sua carreira.

PORQUE TITULEI ESTA HISTÓRIA DE TRAGÉDIA E AMOR?

Dez dias antes do acidente havia recomeçado um relacionamento amoroso que no passado terminou por razões insignificantes e mal resolvidas e que, com um simples esclarecimento depois de 15 meses, se solucionou.

Era o começo de um relacionamento onde tudo deveria ser alegria e novidade, mas o nosso começou com esta tragédia.

Naiara, uma linda negra, cheia de vida, mas sem nenhum tipo de obrigação para comigo, tendo em conta os poucos dias de ter reiniciado nosso antigo relacionamento, se transformou no principal motivo de minha recuperação e de minha vida.

No início, como trabalhava, viajava aos fins de semana até Curitiba para me visitar.

Eu estava tetraplégico, não movia absolutamente nada, os enfermeiros me mudavam de posição na cama, trocavam-me as fraldas, banhavam-me e davam-me de comer na boca, etc.

Eu vegetava e a única coisa em que pensava era a maneira de acabar com minha própria vida, mas como? Não podia me mexer, estava totalmente só nesta ideia e os amigos não apareceram.

Estava num quarto de hospital, em uma cidade que não conhecia ninguém, mas com excelentes profissionais e lutava entre a vida e a morte.

Diante deste quadro de desesperança, sofrimento, minha amada resolveu renunciar a seu trabalho temporariamente, contra as opiniões de conhecidos e amigos que lhe diziam que ela estava louca, que sendo ela jovem e bonita não desperdiçasse sua vida por um relacionamento que não teria esperança alguma e que ia ter que cuidar de um paraplégico atrapalhando sua vida mas ela seguiu a voz do seu coração, se internou neste hospital durante quatro meses ao meu lado dando-me muito amor e sábias palavras de carinho.

Era a única pessoa que sempre acreditou em minha recuperação pois os médicos, familiares e conhecidos não me deram muitas esperanças.

Experimentaram em mim todos os tipos de remédios para tentarem acalmar as terríveis dores que eu sofria durante as 24 h.

Nada dava certo e a única coisa que me acalmava minhas dores eram os abraços de minha amada transmitindo energia positiva.

Minha amada deitava-se na cama comigo durante horas, me envolvia em seus poderosos e fortes braços, abraços que eu não conseguia corresponder.

Com toda ternura e doçura me sussurrava ao ouvido palavras de carinho, rezava por mim e me dizia que eu ia conseguir recuperar.

Enquanto ela estava em contacto físico comigo, as dores desapareciam como por passe de mágica, mas evidentemente não podia ficar abraçada durante muitas horas seguidas, mas isso me poupou muitas horas de sofrimento, mas nunca em minha vida chorei tanto.

Juntos durante 24 h, todos os dias, tentávamos reverter esta situação, mas teria que tomar uma decisão final sobre esta minha difícil situação, ou decidia viver ou morrer, mas como tinha minha amada junto de mim, decidi o caminho mais inteligente que era viver.

Juntei todas as minhas forças, conhecimentos e experiências de treinamentos antes desta situação e tentei salvar-me.

Aí começou uma luta indescritível de força de bondade, atitude positiva, criatividade, força espiritual, força mental, técnicas de meditação, concentração e desejos de não morrer.

Todos os dias olhava fixamente para a minha mão direita e ordenava para se movimentar, todos os dias tentava isso utilizando a técnica da meditação, até que um dia descobri a neuro-plasticidade, o termo refere-se à capacidade de o cérebro mudar sua estrutura e funcionamento dos circuitos neuronais, expandindo e fortalecendo novos neurónios e enquanto os não usados enfraquecem.

Minha atitude de pessoa resiliente ajudou muito pois isto significou a capacidade de superação das adversidades da vida transformando a dor e sofrimento em força e adaptabilidade, superando as mais sérias dificuldades.

A resiliência é um tipo de inteligência única que se manifesta de múltiplas maneiras: a inteligência resiliente engloba todas as outras formas de inteligência humana conhecidas, a visual-espacial, a auditivo-musical, a corporal, a intrapessoal e a interpessoal, a verbal-linguística, a naturalista, a lógico-matemática e a emocional.

A inteligência resiliente é essencial para a preservação da vida quando esta se encontra ameaçada em situações de violência e toda a sorte de privações.

Mas para além disso, a inteligência resiliente também faz frente às tensões existenciais e desejos profundos do humano podendo tornar-se fonte de optimismo, confiança, determinação, motivação férrea, idealismo e elevada autoestima, a mesma autoestima que me fez conquistar o amor de minha companheira.

A palavra resiliência vem do latim *resilirei*, que significa saltar por cima, afastar-se, desviar-se e este conceito define o conjunto de forças vitais, organizadoras e inconscientes, que nutrem as pessoas e as protegem não deixando sucumbir nos momentos de graves crises emocionais e refere-se ao que se pode chamar de destino criativo ou uma espécie de inteligência superior.

A enormidade de sofrimento do desamparo, as ausências de esperança de qualquer ajuda exterior impelem para a morte, mas, após a perda ou o abandono do pensamento consciente, os instintos vitais organizadores são despertados e identificados como resilientes.

Pela primeira vez, consegui mexer um milímetro de meu dedo indicador, ninguém podia crer, mas era o princípio de uma nova etapa inesperada e pensei: se mexo um pouquinho este dedo e vou vencer.

Chamamos com urgência um fisioterapeuta do hospital para então começar esta nova a luta.

Textualmente, pedi que confiasse em mim e não me tratasse como um mortal a mais pois eu era um triatleta e que me tratasse como tal e o terapeuta me olhou surpreso.

Pedi-lhe que uníssemos nossas experiências e confiássemos um no outro e que juntos conseguiríamos vencer esta minha situação.

Começamos este treinamento de recuperação nada convencional para os padrões de alguém em meu estado às 2 horas da manhã e às 2 h de tarde, todos os dias, com exercícios diferenciados, para mover os membros atrofiados que estavam sem força alguma.

No princípio o terapeuta me levantava apenas os braços e pernas e diante do assombro de outros profissionais que consideravam isto um esforço perdido, fomos progredindo a passos agigantados para um tetraplégico.

Teria que lutar com dois sérios problemas, um o trauma na medula, motivo pelo qual estava tetraplégico, e outro as múltiplas fracturas expostas de minha perna direita.

Eu tenho uma barra de titânio intramedular, dentro do osso, desde o joelho até ao tornozelo.

Passaram-se meses, os médicos deram-me “alta”, regressei à minha casa em Cabeçudas.

Como vivia na montanha, era muito difícil me locomover todos os dias com a cadeira de rodas até ao Balneário Camboriú, sul do Brasil, onde fica a academia, decidi-me mudar para perto deste lugar.

Comecei chegando em cadeira de rodas, depois em muletas, logo em seguida com uma só muleta, depois sem nenhuma e até agora continuo com minha recuperação e, claro, deixei de ser um tetraplégico.

Quem me conhece desde o princípio sabe muito bem meu sacrifício diário para tentar recuperar o 100%.

Me encantaria ajudar com minhas experiências pessoas que estão prostradas em uma cama pois há casos reversíveis que com vontade, esforço, sacrifício e sobretudo, com muito amor, podem ser resolvidos.

Um agradecimento eterno para minha companheira Naiara que para não me deixar sozinho, não pode assistir ao funeral de seu próprio pai que faleceu no Rio Grande do Sul, enquanto eu estava internado no hospital.

Também é muito importante destacar que Naiara jamais havia praticado esporte algum e nunca frequentou uma academia de ginástica e nem sequer nadava; tanto na piscina como no mar.

Depois de um ano me ajudando, Naiara é uma triatleta, hoje treinamos juntos e, quem sabe, não poderemos até competir juntos?

Claudia Naiara Chaves é um anjo em minha vida.

Norberto Bruno Workbook.